

Fotografias do Integralismo para além do Integralismo: breves análises e propostas

Photos of Integralism and beyond Integralism: brief analyses and proposals

Alexandre Pinheiro Ramos*

Recebido e aprovado em julho de 2010

Resumo:

O objetivo deste texto é analisar alguns tipos de fotografia presentes na revista *Integralista Anauê!* levando em consideração seus aspectos culturais e sociais. A partir disto, propor-se-á outras perspectivas de estudo do Integralismo.

Palavras-chave:

Integralismo; Fotografia; Revista *Anauê!*

Abstract:

The aim of this paper is to analyze several types of photography in the *Integralist magazine Anauê!* taking into account their cultural and social aspects. From this basis, other opportunities for the study of Integralism will be proposed.

Keywords:

Integralismo; Photograph; *Anauê!* Magazine.

1. Considerações iniciais

O presente artigo é uma versão reduzida de um texto¹ que serviu como base para uma das aulas ministradas no mini-curso “O Integralismo através de seus textos e fotografias”, oferecido no interior

* Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Mestre em História (PPGH/UERJ) – Bolsista CAPES. Contato: alexandre1337@yahoo.com.br.

1 Texto este que, por sua vez, originou-se de um trabalho para a disciplina Tópicos Especiais em Sociologia da Cultura, Simbolismo e Linguagem, ministrada pela professora Gláucia Villas Bôas. Deixo aqui meus agradecimentos a ela pela sugestão de trabalhar com as fotografias do movimento Integralista. Agradeço também ao PPGHIS da UFJF pela iniciativa de publicar os textos dos participantes do Encontro.

do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Em vista do espaço aqui disponibilizado e pela necessidade de adequar aquilo que foi apresentado oralmente – seguindo a lógica e a dinâmica de uma aula a qual contava com outros suportes, tais como o *data-show* – a uma outra forma de exposição, optei, então, por enfatizar apenas algumas questões de caráter mais geral relacionadas ao tipo de análise empreendida, a qual teve como objeto as fotografias ligadas ao movimento Integralista veiculadas na revista ilustrada Anauê!.

Com este texto tenho, assim, dois objetivos, sendo o primeiro de natureza prática, diretamente ligado à análise de alguns tipos de fotografias presentes na Anauê!, onde enfatizarei seus aspectos culturais e simbólicos. Deixo de modo deliberado a dimensão política para buscar, na vida social, os valores e ideais defendidos pelo movimento, considerando aquelas imagens como superfícies onde estes se encontram codificados e são posteriormente transmitidos. Decerto, a palavra “estratégia” logo nos vem à mente (uma “estratégia” da AIB para trazer mais militantes, por exemplo), no entanto, pensar a questão somente por este ângulo empobrece a análise, pois deixa de lado o que se poderia considerar como essencial na compreensão do movimento, que é o conjunto de elementos que orienta suas ações e fornece sentido às manifestações individuais, dos militantes. A noção de estratégia encontra-se, a meu ver, intimamente ligada à esfera dos *interesses*, implicando que os atores sociais ajam sempre de modo extremamente racional, buscando maximizar seus ganhos através de um “cálculo” objetivo da situação apresentada onde se equaciona aquilo que deve ser feito para a obtenção do resultado desejado – o que importa são os fins, e os meios mobilizados podem ser qualquer um, contanto que aqueles sejam atingidos. Neste sentido, análises deste *corpus* imagético por meio de tal abordagem cairiam sempre na mesma conclusão: as fotos são simples peças de propaganda visando à maior aderência da população brasileira – e este tipo de conclusão se estende a várias outras formas de atuação do movimento ou seus integrantes. Ora, que elas têm a função de propaganda e de trazer mais integrantes é um fato, mas a questão está muito longe de ser *apenas* esta, tanto é que, talvez, seja muito mais profícuo tomar tal “conclusão”, antes, como *ponto de partida*, como um dado constitutivo do complexo grupo de elementos que se relacionam entre si e encontram-se na base da atuação da AIB, informando-a internamente. Meu primeiro objetivo, então, é este, *é buscar os conceitos e os valores codificados nas fotografias e o “programa” a orientar tal processo*. Desta maneira, relativizo o peso do interesse e da estratégia na seleção e veiculação das fotografias,

buscando uma análise relacional, ou seja, capaz de relacionar as várias dimensões encerradas na produção e publicação das imagens. Através destas vislumbramos o que se encontra para além das tentativas da AIB de alcançar o poder e de intervir sobre a sociedade brasileira, pois ficamos diante de um sistema de referências socialmente aprovado que serve para a orientação do indivíduo e marca sua situação na realidade social da qual faz parte e compartilha com outros.

Agora, o segundo objetivo do presente texto é de fundo propositivo, ou seja, pretendo, com base neste tipo de abordagem brevemente descrita acima, propor um ou dois caminhos para reflexões futuras que podem, inclusive, vir a ter como objeto as fotografias veiculadas pelo Integralismo não só nesta revista em particular como em outros meios de comunicação, incluindo-se aí fotografias “pessoais”. Tais propostas, posso adiantá-las, não tratam o movimento Integralista puramente como objeto, mas sobretudo como “contexto” para a atuação de determinados grupos sociais, oferecendo subsídios para estudos de determinadas práticas sociais vigentes à época que, de algum modo, coadunavam-se com o Integralismo, por um lado, e reflexivamente incorporam-no e foram por ele incorporadas (no sentido de serem “aceitas”), por outro. Neste sentido, os estudos precisarão levar em conta a dinâmica entre os indivíduos e o movimento em constante diálogo, em relações às quais levam a consensos e conflitos. Infelizmente não terei como explorar em pormenores ambos os objetivos, deixando este artigo não como uma sequência de afirmações ou conclusões peremptórias, mas sim como a tentativa de expandir os estudos da Ação Integralista Brasileira e da história e sociedade brasileiras através do interrelacionamento entre elas, buscando novas perspectivas.

2. *A revista Anauê! e a codificação e eternização de valores*

A proposta de utilização das fotografias veiculadas pela revista *Anauê!*² como objeto de estudo não é inédita, sendo possível citar dois trabalhos que privilegiaram a dimensão imagética do Integralismo: o artigo de Rogério Souza Silva (“A política como espetáculo”) e a dissertação de mestrado de Tatiana da Silva Bulhões (“Evidências

2 A revista circulou no Brasil entre os anos de 1935 a 1937, tendo como diretores o pastor luteranos Eurípedes Cardoso Menezes, Secretário Provincial de Propaganda do Rio de Janeiro; e a partir de abril de 1937, Manoel Hasslocher. A *Anauê!*, ricamente ilustrada e de conteúdo diverso, foi um dos principais bens culturais do movimento Integralista que circulou no país. Os exemplares consultados encontram-se depositados na Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

esmagadoras de seus atos”)³, cada qual com seus objetivos e recortes particulares, bem como seus méritos e problemas – o trabalho de Tatiana Bulhões, por exemplo, apresenta, em sua introdução, considerações bastante interessantes sobre a utilização destas fotografias e o tipo de análises que propiciam, porém a autora parece esquecer-las quase que por completo ao longo de sua dissertação; o de Rogério Silva oferece uma abordagem bastante válida ao sublinhar os traços religiosos do Integralismo, contudo utiliza, por vezes, as imagens como meras ilustrações daquilo que está apresentando, sem maior acuidade diante do material. O que tentarei neste texto é fazer uma reflexão, breve em vista da disponibilidade de espaço, em que as fotografias serão seu ponto fulcral e na qual enfatizarei a dimensão cultural e simbólica do Integralismo, ou seja, pretendo analisar estas imagens como superfícies onde ideias e valores são *codificados*. Ora, se for correto que “A fotografia documenta as mentalidades de quem fotografa, de quem é fotografado, e de quem a utiliza (...)”⁴, então devemos pensá-las como um meio pelo qual o “sentido” conferido por aqueles envolvidos durante o ato fotográfico é, de alguma forma, manifestado, isto é, aquilo que é registrado – e posteriormente veiculado, se for o caso – possui um significado para eles; é buscar *compreendê-las* em seu contexto, estabelecendo-se as ligações existentes com o espaço onde foram produzidas, sempre que possível. A análise das fotografias presentes na revista *Anauê!* não desvenda por completo o funcionamento da imbricada rede de valores e ideais cuja existência perpassa a organização e desenvolvimento do movimento Integralista na sociedade brasileira, contudo permite-nos captar traços específicos desta rede e as relações entre o Integralismo e a sociedade brasileira.

Como referências teóricas, lanço mão dos trabalhos de Vilém Flusser, Pierre Bourdieu e José de Souza Martins, aos quais me remeterei ao longo do texto. Os de Flusser possuem maior centralidade porque tomo como de partida três pontos por ele sublinhados como sendo constitutivos da “intenção do fotógrafo”, a saber: “codificar em forma de imagens, os conceitos que tem na memória”, “fazer com que tais imagens sirvam de modelos para outros homens” e “fixar tais

3 SILVA, Rogério S. A política como espetáculo. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v. 25, n. 25, p. 61-95, 2005; BULHÕES, Tatiana S. *Evidências esmagadoras de seus atos*. 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2007.

4 MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 58.

imagens para sempre”⁵ – para aquilo que tenciono fazer, articulo estes pontos aos objetivos dos militantes, que enviam as fotografias para a revista, e do próprio Integralismo. Sobre os estudos de Bourdieu⁶, retenho, sobretudo, a ideia de que a fotografia exerce uma *função social* e de que seus conteúdos estão diretamente relacionados aos grupos sociais em particular que dela se utilizam. A contribuição de Martins é mais ampla, perpassando várias linhas de argumentação aqui apresentados.

Para Vilém Flusser, as imagens técnicas (como a fotografia) têm a capacidade de codificar⁷ textos em imagens, são “imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas”⁸ – daí considerá-la como o primeiro objeto pós-industrial, pois o valor não se encontra no objeto, na foto, e sim na *informação* que ela fornece. Mas nelas não há apenas conceitos, visto que são, também, uma “peça de afirmação e veículo de valores, normas e instituições tradicionais e costumeiras”⁹. As fotografias presentes na revista Anauê! não fogem destas características, estando elas carregadas daquilo que o Integralismo preconizava e pelo que lutava em sua atuação no Brasil. É de se supor que havia algum grau de identificação entre os leitores e o conteúdo fotográfico, pois o que era retratado estava, muitas vezes, presente nos espaços de experiência destes, como, por exemplo, as cenas de casamento ou familiares, o que auxiliava na ligação entre os públicos, entre estes e a revista, e, finalmente, entre as pessoas e o movimento Integralista. Estas imagens passam a compor um discurso icônico do movimento Integralista no qual seus símbolos são reificados e naturalizados. Como primeiro exemplo, podemos mencionar as imagens dos desfiles integralistas que, sem dúvida, podem ser tomadas como

5 FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009. p. 41

6 Destaco, aqui, o livro: BOURDIEU, Pierre. *Un arte médio*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

7 A revista Anauê!, em seu primeiro número, trazia uma foto de Plínio Salgado, líder máximo da AIB, a qual deveria ser colocada na casa das pessoas para que, ao receberem a visita daqueles que desconheciam o Integralismo, fosse-lhes perguntado quem era aquele homem – e então travariam contato com o movimento Integralista. Ao contrário do que se pensa à primeira vista, como o faz Rogério Souza Silva (2005), o retrato não era *somente* para que “pudessem ver a imagem do líder” (p. 72): a imagem de Plínio Salgado não só sintetizava o movimento como encerrava em si, por conseguinte, todos os valores que defendia bem como as ideias expressas nos livros e artigos que publicava (a codificação do texto em imagem da qual fala Flusser).

8 FLUSSER, Vilém. *Op. cit.* p. 32.

9 MARTINS, José de Souza. *Op. cit.* p. 17.

propaganda do próprio Integralismo, demonstrando sua presença ou força no Brasil, entretanto, é possível vislumbrar que existe algo por “de trás” daquelas imagens e que se expressa naquele momento (indo além da esfera dos interesses): ordem, disciplina, organização, desejo de unidade (ou *totalidade*). Todos estes são valores caros ao movimento Integralista, os quais definem o “fotografável” e aquilo que deve ser mostrado nas páginas de sua revista – eles informam e reiteram a relevância do que deve ser eternizado e veiculado (não se fotografaria, neste caso, um momento de desordem¹⁰). Neste sentido, muito mais do que mero instrumento de propaganda, este tipo de imagem revela, por um lado, aspectos da vida social dos indivíduos envolvidos (tanto aqueles reunidos no desfile quanto aqueles que escolhem a foto), e, por outro, aquilo que se pretende passar para o público o qual, por sua vez, precisa reconhecer/identificar tais valores *codificados* nas fotografias (que só *aparentam* objetividade, pois, sendo elas “tão simbólicas quanto o são todas as imagens”, precisam “ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado”¹¹). Tomando de empréstimo um termo de Flusser¹², devemos atentar para o “programa” que cria as imagens, ou seja, um conjunto de elementos de natureza simbólica que informa o fotógrafo e todos os demais envolvidos –, bem como as relações estabelecidas entre ela, o movimento e a sociedade. A expansão do Integralismo pelo Brasil não pôde prescindir deste aspecto cultural o qual lhe permitiu tanto penetrar em diversos grupos sociais como fez com que estes mesmos se aproximassem e se identificassem com o movimento

As reflexões de Pierre Bourdieu sobre a fotografia são de capital importância para nosso estudo ao ressaltar a *função social* que ela desempenha, sobretudo no que diz respeito à “la solemnización y la eternización de un tiempo importante de la vida colectiva”¹³. As fotografias de família e dos mais variados rituais servem como índice de consagração daquilo que é capturado e fixam sua eternidade, e, além disso, deixam transparecer quais condutas ou comportamentos sociais

10 A menos que se pretendesse mostrar algum incidente, como os conflitos de rua entre integralistas e comunistas. Nestes casos, a fotografia vem para ressaltar o caráter pacífico e ordeiro da AIB em oposição ao caos e violência preconizados, por exemplo, pelo comunismo – é, assim, uma representação daquilo que este pretende fazer com o Brasil (representado pelo Integralismo): arrastá-lo para um conflito sangrento, fazendo com que se desintegre.

11 FLUSSER, Vilém. *Op. cit.* p. 14.

12 FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas*. São Paulo: Annablume, 2008.

13 BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.* p. 58.

são aprovados e valorizados, e, por isto, passíveis de serem eternizados ou apresentados como momentos solenes. Podemos encontrar isto nas fotografias integralistas as quais representam tanto casamentos ou funerais, sobretudo pela existência de uma dimensão ritualística a qual fazia parte do movimento e detinha considerável relevância. Fossem desfiles ou datas comemorativas, as manifestações integralistas eram rodeadas por uma aura de solenidade cuja importância é verificada no detalhamento presente nos *Protocolos e Rituais* que deveriam ser obedecidos em todos os núcleos do Brasil. Sendo assim, as fotografias presentes na Anauê! vêm para reforçar tal ar solene por meio da eternização daquele momento, permitindo compor uma unidade a qual transcende o âmbito local e abarca todo o país, pois as cerimônias retratadas não são relativas somente às pessoas presentes e aquelas de algum modo envolvidas, mas também ao próprio movimento: o Integralismo é igualmente celebrado e eternizado, e sua presença aponta para a valorização e identificação daquilo com o que se apresenta; ele imiscui-se no ritual e passa a ser solenizado. Assim como “aniversários e festas são ótimos pretextos para recriar a unidade da família e expor periodicamente os laços tecidos entre todos os seus membros”¹⁴, aquilo retratado na Anauê! segue lógica semelhante.

A vida do militante é perpassada por rituais que abarcam desde sua entrada no movimento Integralista até sua morte – incluindo-se aí, ainda, um relativo à sua expulsão da AIB em caso de falta grave. Se eles já possuem um caráter de solenidade, representando a integração de todo o movimento e os compromissos assumidos em prol deste e da Pátria, quando o Integralismo entra em contato com outras cerimônias, trazendo seus elementos – sejam símbolos ou mesmo normas específicas para suas realizações –, então elas, como os casamentos, transformam-se em *momentos duplamente solenes*, porque há tanto o regozijo advindo daquilo que o ritual representa como por ele realizar-se em conexão com o movimento. A cerimônia de casamento não só significa a união de duas famílias – um dos elementos mais importantes para a AIB – para a criação de uma terceira, como indica a união e expansão do próprio movimento. A profusão destas fotos na Anauê! vai ao encontro daquilo que Miriam Leite fala: “O retrato de casamento é o mais difundido nas diferentes coleções, ou como retrato avulso. A sua frequência parece confirmar a função incorporada da fotografia ao ritual do casamento, como um meio de

14 SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3. p. 482.

solenizar a criação de uma nova família¹⁵. Desta maneira, as fotos destes casamentos, por um lado, servem para consagrar e santificar tal união (das famílias e do movimento), fixando-a e transformando-a em algo eterno, e, por outro, são representativas, aqui também, dos valores que orientavam o Integralismo: a importância da família e, igualmente, a do sagrado, visto que a ritualística Integralista estava prevista tanto para a cerimônia civil quanto religiosa (também havia normas para os batizados, porém não existem fotografias destes momentos, de acordo com aquilo que Miriam Leite e Pierre Bourdieu falam sobre o batizado ser uma cerimônia de caráter mais privativo, realizada somente com os parentes mais próximos).

Com o “ritual fotográfico” passando a fazer parte de outros rituais e cerimônias importantes na vida social, ele também está presente em funerais. Fotografias de cortejos fúnebres mostram como o Integralismo também se apropriou desta cerimônia, colocando nela seus elementos. Se concordarmos com José de Souza Martins que, no Brasil, a fotografia “não entra pela porta estreita do moderno, escasso e limitado”, mas “pela porta justamente larga da religião e da tradição”¹⁶, sua utilização pelo movimento Integralista vai ao encontro de tal afirmação, e as fotos de funerais, por um lado, reforçam a importância concedida pela AIB a aspectos sagrados da vida social, e, por outro, mostram respeito e valorização da morte física no sentido de que os integralistas reconheciam nela o sacrifício do companheiro militante em prol do movimento, além de reforçarem também sua unidade, a qual vai muito além deste mundo, apontando como o compromisso assumido pelo camisa-verde é transcendental e eterno. Embora a figura do falecido não esteja visível, não deixa de ser este seu último registro o qual o coloca para sempre junto de companheiros e, por conseguinte, do Integralismo. A fotografia dos funerais soleniza (ainda mais) o momento ao conceder-lhe a eternidade; e o que é eternizado não é, aqui, a morte, mas sim a memória do militante e, o mais importante, a continuação de seus serviços, agora no outro mundo – na Milícia do Além.

As fotografias que representam os núcleos, desfiles e os rituais, possuem, de certo modo, alguma excepcionalidade em vista daquilo que é retratado, mas isto, certamente, não faz com que se situem acima ou sejam mais importantes que outras cuja representação, à primeira vista, parece tão simplória: as fotos de famílias. Como demonstrou Miriam Leite, este tipo de fotografia é bastante comum e remonta ao século XIX, sendo utilizada para “afirmar a continuidade e a inte-

15 LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. 3ed, São Paulo: Edusp, 2001. p. 74.

16 MARTINS, José de Souza. *Op. cit.* p. 77.

gração do grupo doméstico”¹⁷, havendo, por vezes, pouca diferença quando são examinados retratos de procedências variadas – famílias de condição econômica distinta ou mesmo de países diferentes. Neste sentido, a grande presença deste tipo de fotografia nas páginas da Anauê! está a reproduzir práticas e costumes presentes na sociedade brasileira – o mesmo aplicando-se a outras, como as de casamentos – devendo, sim, ser ressaltado o porquê de seu elevado número: a importância da família para o Integralismo. Se for correto que a fotografia busca “desbanalizar o banal”, isto demonstra que o caráter excepcional do que é retratado não é dado por este, mas sim pelo contexto social no qual a prática da fotografia está inscrita. Quando Tatiana S. Bulhões, ao descrever o conteúdo da Anauê!, menciona que a revista “vai elaborando uma imagem da família integralista”¹⁸, não percebe a autora que o Integralismo *não elabora*, mas *se apropria* de uma família já “fornecida” e presente na sociedade brasileira – poder-se-ia dizer que ele *seleciona* diante de eventuais tipos. É uma diferença sutil, mas relevante, pois é construída uma ligação entre AIB e família, sendo estas indissociáveis. A simbologia Integralista (os uniformes) surge, nas fotos onde todos os membros estão uniformizados, como índice de comunhão entre a família e o movimento e estabelece uma cumplicidade entre ambos, na qual a valorização é recíproca, porque o Integralismo precisa da família – ela é a base de sua constituição e seria a base de seu projeto para o Brasil – e esta precisa daquele para se defender do poder dissolvente do individualismo ou do comunismo. Através destas fotografias, podemos notar como a AIB mantinha-se intimamente ligada a vários aspectos da vida cultural e social brasileira – e que os grupos sociais que os partilhavam identificavam-se com o movimento. Como um último exemplo, reproduzirei abaixo (seção 4) a fotografia analisada, onde estão Plínio Salgado e Carmela Salgado [Fig. 01], que foi publicada em agosto de 1937, quando o nome de Plínio Salgado já havia sido escolhido para a eleição presidencial. Esta foto contém elementos cuja articulação entre si e o Integralismo fornece um quadro bastante interessante daquilo valorizado e propugnado pelo movimento.

São três os elementos principais, formando uma hierarquia na imagem: no nível mais baixo encontramos Carmela Salgado, que representa a posição da mulher no movimento. Sentada à máquina, ela datilografava aquilo ditado por seu marido, simbolizando a função da mulher em concretizar os ideais do Integralismo, visto que a elas cabiam serviços

17 LEITE, Miriam Moreira. *Op. cit.* p. 95.

18 BULHÕES, Tatiana Silva. *Op. cit.* p. 82.

educacionais e o cuidado com as crianças; suas funções são exercidas na “base”, na formação das pessoas. Em um nível superior temos Plínio Salgado, dotado de uma percepção intelectual que o capacita a formular e a pensar o próprio Integralismo. Como outros intelectuais da AIB, ele se ocupa da elaboração das ideias integralistas, as quais devem ser postas em prática; a “doutrina” parte dele e deve influenciar o pensamento e as ações das pessoas. No nível mais alto, acima de Plínio Salgado, encontramos o terceiro elemento: o retrato de Francisco Salgado, seu pai. Este retrato não só simboliza a importância da família como, igualmente, a *autoridade*, um dos principais elementos valorizados e defendidos pelo Integralismo. Para o Integralismo, a autoridade precisava ser recuperada (ou instaurada), e com ela a hierarquia e a disciplina. Na fotografia tem-se a hierarquia, formada por Carmela Salgado, Plínio Salgado e Francisco Salgado, a qual simboliza outra hierarquia: os indivíduos (a sociedade), o Integralismo e a Autoridade – e, em última análise, encerra ela o lema da AIB: Deus (Autoridade; Francisco Salgado), Pátria (AIB; Plínio Salgado) e Família (Carmela Salgado).

Estas fotografias fornecem um panorama conciso, porém valioso, daquilo que se acha presente na revista *Anauê!*, apresentando a variedade de imagens existente ao longo de suas páginas. Sua publicação aponta para a identificação entre seus conteúdos e os valores e ideias defendidas pelo movimento Integralista e faz com que exerçam um papel importante na difusão do Integralismo. Poder-se-ia dizer que ao “valor de culto” original de algumas fotografias (destacadamente as de famílias, crianças ou de cerimônias) é agregado um “valor de exibição”¹⁹, pois elas deixam o espaço privado onde são objetos de contemplação e constitutivos da memória familiar e passam para o espaço público, disponibilizadas para o escrutínio de todos – e, neste processo, estas fotografias são “refuncionalizadas”, pois ao se transformarem em meios de suporte, fixação e transmissão de formas simbólicas ligadas ao Integralismo, elas possibilitam a identificação dos militantes entre si e com movimento, bem como a integração entre estes; elas criam uma unidade cujo centro são uma série de ideais e valores, partilhados por todos, além de passarem a constituir a memória do movimento, operando como um álbum ou um museu da AIB. As fotografias da *Anauê!*, quando tomadas dentro do contexto específico do movimento, são parte, assim, do imaginário do movimento.

Infelizmente não temos como, no momento, medir ou explorar o grau de circularidade entre estas fotografias e os indivíduos a fim de ve-

19 BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

rificar quão pertinente é a afirmação de que “as imagens projetam sentido sobre nós porque elas são modelos para o nosso comportamento”²⁰. Tratar-se-ia, aqui, de verificar a influência daquilo retratado no comportamento individual. Uma possibilidade seria a análise cronológica das fotografias ao longo das edições, pois poderíamos verificar se houve aumento significativo em determinados tipos de imagem ou a inclusão de outros – ou seja, o estabelecimento de um diálogo entre as pessoas e o movimento. Isto, no entanto, fica em aberto para futuras reflexões.

3. *Considerações propositivas para estudos da Ação Integralista Brasileira*

Pretendo, agora, enunciar algumas questões de caráter propositivo com vistas a expandir os estudos sobre o movimento Integralista. Decerto, esta contribuição é bastante tímida e reduzida e de modo algum se apresenta como totalmente inédito no sentido de que aquilo a ser enunciado nunca foi trabalhado ou pensado; antes, pretendo reunir alguns elementos dispersos, observados em outras pesquisas, e somá-los a algumas reflexões que venho empreendendo durante este período no qual tenho me dedicado a estudar a Ação Integralista Brasileira. O contato com um número cada vez maior de trabalhos acerca desta temática e com a produção de outros campos do conhecimento²¹ contribuiu para a busca, bem recente, por outros ângulos de análise, levando-me, assim, à proposta mais geral que pretendo fazer, elencando a partir dela outras perspectivas. É evidente que o problema das fontes, ou seja, a existência das mesmas e sua disponibilidade, pode colocar em risco qualquer empreendimento mais ambicioso, porém, acredito que, a despeito disto, tal esforço é válido porque pode vir a criar outros caminhos através tanto de um desenvolvimento mais aprofundado e detido das questões apresentadas como dos próprios obstáculos que eventualmente surgirão – a busca por outras fontes ou o lançamento de um novo olhar sobre as já conhecidas é capaz de permitir que se explore um terreno relativamente intocado, o que, por um lado, pode apontar para a impossibilidade de determinada abordagem, mas, por outro, fornece, a partir desta mesma impossibilidade, nova margem de ação.

20 FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas*. *Op. cit.* p. 60.

21 Sobretudo da Sociologia. A validade destes contatos já foi demonstrada por Giselda Brito Silva (no tocante a contribuição da Linguística). Cf. SILVA, G.B. Uma proposta de análise interdisciplinar para os estudos do Integralismo. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p. 75-98. 2002.

A ideia central é *deslocar o objeto de análise*: tomar o Integralismo como “contexto” (este termo não é o mais adequado, mas fiquemos com ele por mais uns instantes), retirando-lhe sua característica de objeto central ou principal das pesquisas, deslocando-o a fim de colocar em seu lugar os indivíduos, seja isoladamente ou em grupos, e as relações estabelecidas entre estes e o movimento. É claro que ele permanece sendo, em alguma medida, nosso objeto de estudos – caso contrário, não mais seria uma análise relacionada à AIB –, mas é secundário, torna-se o “contexto” dentro do qual os atores sociais locomovem-se e com o qual se relacionam. Este deslocamento do foco de observação advém das possibilidades – bem como constrangimentos – criadas pelo Integralismo para a atuação individual, tanto na esfera política quanto cultural (separo ambas para uma melhor explanação). De certo modo, os trabalhos “regionais”, ao enfatizarem a participação do Integralismo na política local, já enunciam esta possibilidade, embora não se atenha a ela por buscar outros objetivos. Penso, agora, no estudo de João Ricardo Caldeira²², que, ao analisar a atuação da AIB no Maranhão, permite-nos vislumbrar a emergência de alguns novos atores (aqui não importa tanto se a atuação do movimento foi semelhante à das elites dirigentes locais) na arena política, dentre eles as mulheres que são atraídas “por influência de seus maridos e familiares simpatizantes ou militantes da AIB regional. Por outro lado, desejam também atuar em um partido que lhes permita exercer forte militância na política oficial”²³. Ainda no tocante à participação feminina na AIB, o trabalho de Laís Mônica Ferreira²⁴ também mostra o surgimento deste novo ator na vida política local. Estes dois exemplos são bastante interessantes do ponto de vista de uma análise do Integralismo como “contexto” porque possibilita-nos concentrar nossas atenções sobre determinados grupos sociais que são realçados e evidenciados pela participação no movimento, e a partir daí podemos tentar estudá-los, por um lado, em sua relação com a AIB, e, por outro, na forma como se inseriam na sociedade à época. Não interessa a “visão institucional” (do movimento) sobre a participação das mulheres, mas sim a atuação destas, a forma como se dá sua vinculação e posterior atuação e o sentido por elas fornecido às suas ações²⁵ – conseqüentemente, ficamos diante de elementos de natureza

22 CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional*. São Paulo: Annablume, 1999.

23 Idem, p. 44.

24 FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

25 A fala de uma militante de Bauru, apresentada no artigo de Lídia Possas, a qual é de suma importância para este tipo de análise. Cf. POSSAS, Lídia Vianna. O Inte-

social e cultural que informam estas formas de agir, operando-se um diálogo entre Integralismo e sociedade, onde a militante encontra-se no meio dele, ligando este e aquele. Note-se que não se deve apagar o indivíduo desta relação, considerando-o apenas um receptáculo passivo para influências externas; ele deve ser mantido, como mencionei, no centro dos estudos, sendo tomado como um ator cognoscitivo dotado de capacidades reflexivas. Neste caso específico, além de se procurar saber se as mulheres possuíam, antes, meios de acesso à política local a fim de problematizar a questão ainda mais, observaríamos, então, como elas passam a atuar e como o Integralismo surge em suas vidas, isto é, a maneira como outras dimensões da vida social se relacionam com ele. Deve-se perguntar se a vida cotidiana é alterada, e, se for, em que medida? E se não for, então o significa a filiação ao movimento? Assim, o que o Integralismo permite e o que proíbe? Estas são algumas perguntas que podem ser estendidas a outros grupos sociais vinculados a AIB e que passam a atuar politicamente – como agem e se relacionam com ele e com a realidade social ao seu redor?

Estas breves reflexões permitem, se não mudar, lançar mão de outro termo no lugar de “contexto”: temos, assim, que considerar o Integralismo como “estrutura” com a qual os indivíduos se relacionam. Retomando aquilo colocado acima, ao elegermos os militantes (ou simpatizantes) como centro de nossas análises, *será preciso pensá-los como agentes que atuam em determinada realidade social da qual o movimento Integralista é parte integrante*, ou seja, ele apresenta-se como uma “estrutura” – considerando-o tanto como um espaço físico, o próprio núcleo, por exemplo, ou como um conjunto de ideias, símbolos e práticas o qual o indivíduo abraça – com a qual as pessoas se relacionam mais ou menos em seu cotidiano, como elemento semelhante ao lugar de trabalho, o lar, a escola, a igreja, etc. Este deslocamento dos objetos de estudo para sua posterior realocação, mudando-se o foco de análise, contribui para abordagens da dimensão política, como exemplificado pela participação feminina, revelando, inclusive, os tipos de relações e práticas vigentes da localidade estudada, e igualmente para sua dimensão cultural (e social), como já foi aventado. A proposta, aqui, é tentar trabalhar a AIB sob um viés social em que se enfatize a atuação dos indivíduos, observando-se e refletindo sobre suas dinâmicas. A obra de Maria Rosa Cavallari²⁶ fornece alguns subsí-

gralismo e a mulher. In: CAVALLARI, Rosa M. F. *et al. Integralismo: novos estudos e reinterpretaciones*. Rio Claro: Editora do Arquivo de Rio Claro, 2002. p. 107-126.

26 CAVALLARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999.

dios para isto ao chamar a atenção para as *sessões doutrinárias* que se processavam nos núcleos, as leituras em voz alta, os rituais: tudo isto contribui para a criação de laços sociais entre os participantes, bem como de espaços de sociabilidade, e assim pode-se ter contato com as formas de interação ali existentes, além do alargamento da área de análise sobre a vida do militante, onde a ida a tais atividades demonstra em que medida estas eram importantes e se achavam integradas em sua vida cotidiana, transformando-se em elemento constitutivo de sua própria narrativa biográfica – concentramo-nos, assim, sobre as *experiências* destes indivíduos. O deslocamento faz-se presente aqui ao atentarmos não só para a “função” destas atividades para o movimento nem seus objetivos imediatos (a transmissão das ideias integralistas, por exemplo), mas também para a eventual dinâmica que se estabelece a partir daquelas pessoas *presentes* nestas atividades – claro que a inexistência de fontes sobre elas inviabiliza tal abordagem; as fotografias, não apenas aquelas veiculadas pela Anauê!, podem fornecer algumas pistas, sobretudo se forem acompanhadas de informações referentes ao espaço onde foram tiradas. Imagens de festas nas quais se faça alusão ao Integralismo podem indicar maneiras através das quais os militantes se relacionavam com o movimento ou então o incorporavam em suas vidas e qual era o grau de sua importância (as fotos feitas por militantes envergando a camisa-verde ou tomando parte de algum tipo de cerimônia é um indício de relevância, pois, como apontei na seção anterior, a fotografia “desbanaliza” e eterniza o momento, conferindo-lhe solenidade e grande valor). Esta dinâmica social pode ser estudada em locais onde o Integralismo difundiu-se com o auxílio, direto ou indireto, de alguma instituição – penso, aqui, no caso de Juiz de Fora, com a ligação entre o movimento e a Igreja Metodista, como apontado por estudos de Leandro Pereira Gonçalves²⁷, onde o autor chega a citar uma piada que apareceu em um periódico do Granbery envolvendo uma funcionária deste. Como coloca o autor, é “Um exemplo claro do Integralismo no cotidiano do Granbery”²⁸, o que mostra como ele passa a fazer parte da vida daquelas pessoas, estando de tal forma presente que permite sua apropriação em forma de piada. A aproximação, tratando agora de modo mais amplo, mas mantendo em vista este exemplo, entre o movimento e outra instituição, sublinhando-se de que maneira ela se dá e o desenvolvimento da relação entre eles, é indicativa do contato que ocorre entre as ideias e

27 GONÇALVES, Leandro Pereira. Tradição e cristianismo. In: SILVA, Giselda Brito (org). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Editora da UFRPE, 2007.

28 Idem. p. 92.

os valores defendidos e sustentados pelos indivíduos, dando margem ao compartilhamento – ou mesmo fusão – dos horizontes de cada um, e aqui a dimensão cultural exerce papel fundamental, permitindo a convergência.

A ritualística e a simbologia Integralista também precisam ser analisadas sob um prisma diferente, buscando-se localizar o sentido de suas cerimônias (o que elas representavam, que papéis desempenhavam, evitando, assim, o simples “desvendamento” de seus “reais” intentos, que leva ao empobrecimento dos estudos por insistir na questão do vínculo entre tais práticas e a esfera dos interesses, e a ideia de uma massa passiva que nelas toma parte de modo irreflexivo) e a articulação entre estas, os símbolos e as pessoas. Isto não só abarca os rituais próprios do Integralismo, referentes as suas datas comemorativas, como, também, aqueles outros que fazem parte da vida, como casamentos, funerais, batizados, festas de aniversário. Nestes casos em especial, as fotografias, como aquelas mencionadas na seção anterior (não se limitando, porém, a elas) podem fornecer dados preciosos não para a total reconstrução da vida cotidiana das pessoas retratadas, mas para a obtenção de informações acerca de *aspectos* desta, pois elas fazem parte “do imaginário e cumpre[m] funções de revelação e ocultação da vida cotidiana. Portanto, as pessoas são fotografadas representando-se na sociedade e representando-se para a sociedade”²⁹. Através deste ato de representar-se na/para a sociedade é-nos possível esboçar reflexões que têm como base as formas de sociabilidade apresentadas na fotografia, onde aquilo que se oculta e se exhibe, e o que se encena ou não surge diante de nós como pequenas evidências sobre os códigos e práticas daqueles indivíduos ou grupos sociais. O *representar-se do indivíduo* visa, por um lado, ao Integralismo, é o instante no qual sua importância é enfatizada, e, por outro, dirige-se para a própria sociedade, de onde retira a valorização daquele momento, apresentando-se perante a ela, de acordo com seus códigos e valores. Temos, novamente, a articulação entre o militante, o movimento Integralista e a sociedade, onde o primeiro, o militante, o indivíduo, através de suas experiências, surge como centro, pois é nele onde se conjugam elementos presentes nos outros dois. O elo entre a sociedade brasileira e a reprodução e rotinização das práticas integralistas – que possibilita a identificação entre ambos – é o indivíduo, por isto a necessidade de deslocamento do objeto e uma posterior análise capaz de relacioná-los todos.

A fotografia de uma festa de aniversário infantil [Fig. 02], utilizada por Tatiana Bulhões em seu trabalho, pode servir como mais um

29 MARTINS, José de Souza. *Op. cit.* p. 47.

exemplo. Para a autora ela aponta para a “invasão do espaço privado infantil pelos símbolos integralistas, pois na mesa vários enfeites do aniversário remetem ao Integralismo”³⁰. Um primeiro comentário é o seguinte: a ideia de “invasão” do espaço privado (infantil ou não) parece um pouco exagerada porque sugere uma passividade dos indivíduos que simplesmente aceitam aquilo que lhes é “imposto” pelo movimento, anulando-lhes a capacidade de incorporarem de modo consciente a simbologia do Integralismo. Neste sentido, para evitarmos tal interpretação que concede totais poderes ao movimento sobre as pessoas, é preciso colocar no centro da análise os indivíduos, problematizando-se, primeiro, tal prática (a festa de aniversário infantil), rastreando-se quão difundida era ela na sociedade brasileira, dentre quais grupos e como se processava – sendo ela bastante comum, existiam particularidades? Se estavam ligadas a determinado estrato, sempre se assemelhavam? –; em seguida, analisa-se o conteúdo – apenas mulheres e crianças na foto –, articulando-o ao que se descobriu com base na primeira questão, tentando-se vislumbrar os valores que informam as práticas e as pessoas; finalmente operamos a ligação com o Integralismo, onde, como mencionado, ele é *incorporado* pelos atores sociais em sua vida cotidiana através da reprodução e rotinização de seus símbolos. Fica-se, assim, diante de um ângulo que nos apresenta um número maior de elementos e questões, permitindo o contato com a complexidade das relações (sociais, culturais, políticas) estabelecidas. É possível, assim, transitarmos horizontalmente por nossos estudos, correndo por um eixo sincrônico que vai de um lado para o outro, evitando o percurso vertical de mão única onde o Integralismo é o ponto irradiador de todas as questões e para onde convergem todas as análises.

Recapitulando: O deslocamento do objeto consiste em passar para o centro das análises os indivíduos ou grupo sociais que se aproximaram o Integralismo, agora considerado como “contexto” ou “estrutura” (no sentido de que o movimento, por um lado, fornece os meios de atuação aos atores sociais, e, por outro, é reproduzido e rotinizado – suas ideias, valores, ritos, símbolos – por estes mesmos atores, fixando-se com maior ou menor intensidade). Este procedimento é acompanhado por uma análise que busca as *relações* estabelecidas entre o movimento e os indivíduos (suas experiências, no interior de outras instituições ou não), bem como entre estes e o contexto maior no qual estão inscritos (sua realidade social imediata), ressaltando-se a identificação entre valores e práticas vigentes e as eventuais incorporações e apropriações de elementos por/de ambos os lados. Com isto tem-se não só um estu-

30 BULHÕES, Tatiana Silva. *Op. cit.* p. 98.

do sobre o próprio Integralismo, mas igualmente da estrutura social particular da localidade onde ele se fixou, como se deu a relação entre as partes envolvidas e quais transformações ocorreram – tanto para o movimento quanto para aqueles que se tornaram militantes/simpatizantes. No lugar de uma abordagem vertical, unilinear, temos uma horizontal onde todos os elementos se comunicam e se relacionam, influenciando-se reciprocamente.

Estas considerações, como enunciei, são simplesmente propositivas e são passíveis de aceitação ou refutação, de críticas que visem desenvolvê-las ou melhorá-las, ou, ainda mesmo, de serem desconsideradas diante da eventual falta de meios (fontes) para levá-las adiante. Encerro, aqui, o presente texto, esperando que, pelo menos, uma das duas partes que o compõem seja de algum uso para futuras pesquisas relativas à Ação Integralista Brasileira.

4. Figuras

Fig. 01 – Anauê!, ago. 1935, nº 18, p. 8.



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Fig. 02 – Anauê!, out. 1937, nº 20, p. 9



Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil